



POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A FORMAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE NA AMÉRICA LATINA NO ÂMBITO DOS PROJETOS EM DISPUTA

AS NARRATIVAS DOCENTES NO (ENTRE)TECER DAS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO: COSTURAS REFLEXIVAS COM A EJA NO ENSINO MÉDIO

Jackeline Silva Cardoso

UNEB

jackeline.pedagoga@hotmail.com

Tânia Regina Dantas

UNEB

drtaniadantas@gmail.com

Resumo

O texto é um recorte da tese, em andamento, cujo objeto está nas trajetórias formativas docentes da Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio. As pesquisas realizadas nas Plataformas Acadêmicas Digitais indicaram que os estudos deste objeto se concentravam na formação de professoras/es para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), especialmente, o PROEJA. Um dos possíveis fatores para a maior incidência destes estudos advém do investimento do Governo Federal, por meio do Decreto nº 5.840/2006 (Brasil, 2006). Ventura, *et al.* (2020) e Cardoso; Dantas; Santos (2023) indicam a limitada produção sobre essa etapa na modalidade, além de ratificarem que os estudos da EJA/EM têm priorizado o ensino profissionalizante. Um dos elementos que fundamentam essa carência está relacionado a recente obrigatoriedade do Ensino Médio, ocorrida em 2009 com a Emenda Constitucional nº 59 (Brasil, 2009). Logo, essa etapa não se faz obrigatória para pessoas acima de 18 anos, público este que integra a EJA. Essas informações reforçam a importância do estudo, sobremaneira no que tange garantia de políticas públicas de EJA, em que aqui é feito um destaque à etapa do Ensino Médio. Afirma-se que as políticas são significativas, pois operacionalizam meios para a garantia do acesso, permanência das/os estudantes; formação das/os educadoras/es; recursos; financiamento, infraestrutura e currículos atentos ao perfil do seu público. A efetividade das políticas públicas se faz articulada às realidades insurgidas nos espaços escolares. É um trabalho que deve acontecer de forma intersetorial, cujo planejamento deve considerar os aspectos sociais, econômicos,

culturais e educacionais dos contextos inseridos. A EJA é uma modalidade atravessada pelas questões socioeconômicas, as quais impactam na escolarização das/os estudantes e se forem desconsideradas incide em sua derrocada. A articulação e operacionalização de uma política pública de EJA é trabalho intersetorial que envolve os órgãos da saúde; assistência social; cultura e lazer; trabalho e economia. São recorrentes as discussões sobre a dimensão das experiências que constituem as trajetórias de vida das/os estudantes e professoras/es, no desenvolvimento de políticas públicas singulares ao seu público. Entretanto, são poucas as iniciativas políticas que consideram as demandas suscitadas pelos grupos e sujeitos sociais. É preciso questionar a lógica que circunda a sociedade e suprime as vozes ecoantes do povo, a qual está na racionalidade neoliberal. Essa racionalidade se concentra no consumo, no mercado e seu capital, numa perspectiva de atuação mínima do Estado social, representante do povo. Há, assim, a fragilização das políticas públicas sociais, o que potencializa a estratificação social, vez que povo é a mercadoria, o capital para a ampliação do poder neoliberal. Por representar uma racionalidade global, interfere nos modos de vida e nos sistemas de governo, com destaque na educação (Dadot, Laval, 2015). Com suas métricas buscam padronizar e plataformizar a educação sob a lógica do controle. Instauram ações deslocadas das territorialidades e regionalidades, incitando ao “insucesso escolar”, já que não são significativas àquele contexto educacional. Criam assim, movimentos que reforçam a privatização da escola pública. As reformas educacionais, em sua maioria, sobretudo em governos de extrema direita, se desvinculam da construção de conhecimentos com sentidos e significados ao povo. Com isso, nega-se a formação para atuação ativa, crítica, política e de luta contra os regimes de opressão. É preciso encontrar caminhos para o enfrentamento do neoliberalismo, que em sua racionalidade, deslegitima o lugar dos diferentes povos, por isso é preciso questionar, desafiar, enfrentar e provocar rupturas (Walsh, 2017). É elementar transgredir a “educação” que silencia as experiências de estudantes e docentes e restringe do ser humano a participação crítica e ativa na sociedade. O estudo tem buscado responder: O que narram as/os professoras/es da EJA no EM sobre suas trajetórias formativas? O que revelam para as políticas públicas de formação docente na modalidade? As experiências das trajetórias docentes, tecidas nos ambientes escolares, nas vivências com as/os estudantes e com as/os demais colegas, prenes de conhecimentos e saberes, são artefatos que impulsionam o

desenvolvimento de políticas públicas (entre)tecidas com as/os que dela fazem parte, tornando-as representativas. As experiências são estruturas significativas do vivido e fecundam as trajetórias formativas docentes. Nelas há o inventário de elementos que integram as estruturas sociais, históricas, acadêmicas, profissionais e políticas que constituem as/os educadoras/es. As trajetórias são caminhos que se tecem de forma fluída, desencadeadas pelas experiências. As trajetórias ocorrem pelo (entre)tecer da “eco-hetero-autoformação” decorrentes da vida cotidiana, relacionadas às dimensões “humana; social e ecológica” da vida, isto é, se tece por uma “formação tripolar” (Pineau, 2024). As trajetórias formativas revelam os caminhos da/o educadora/r e, colaborativamente, atuam na sua formação humana, profissional e existencial, (entre)tecidas pela multiplicidade das experiências vivenciadas em sua existência e responsáveis por sua constituição. O estudo objetiva compreender, com as trajetórias formativas das/os professoras/es da EJA/EM, como se constituem docentes e o que revelam às políticas de formação à modalidade. A intersecção da abordagem qualitativa, fenomenológica e da pesquisa (auto)biográfica viabiliza a apreensão dos significados e a compreensão das informações que emergem da pesquisa de campo, obtidas com os dispositivos metodológicos da pesquisa documental; observação; diário e das entrevistas narrativas. As protagonistas/cocriadoras foram duas docentes da EJA/EM-Tempo Formativo, de uma escola da Rede Estadual da Bahia, em Guanambi. A análise compreensivo-interpretativa (Souza, 2014), de base hermenêutica (Ricouer, 1990), são os fios dialógicos que tecem a pesquisa. Os resultados evidenciam que as trajetórias docentes forjam os processos de formação de professoras/es na/com/para a profissão. Até então, o estudo tem se vinculado à interpretação e afirmação da dimensionalidade das trajetórias docentes como artefato dialógico para o (entre)tecer de políticas públicas educacionais, sobretudo, políticas de formação docente, referendadas no protagonismo daquelas/es que compõem o universo escolar. Há, assim, a defesa da representatividade das trajetórias formativas docentes na articulação de caminhos para o planejamento e implementação de ações que fortaleçam a EJA.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Ensino Médio. Políticas de formação docente.



Referências

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009.** Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, ampliando a obrigatoriedade da educação básica dos 4 aos 17 anos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 8, 12 nov. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm. Acesso em 23 nov. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006.** Institui o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 6, 14 jul. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5840.htm. Acesso em 23 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 7. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 23 jan. 2024.

CARDOSO, Jackeline Silva; DANTAS, Tania Regina; COSTA, Graça dos Santos. Fios investigativos sobre a formação docente no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 8. **Anais [...]**. Salvador, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/viii-encontro-internacional-de-alfabetizacao-e-educacao-de-jovens-e-adultos-alfaeja-381845/763732-fios-investigativos-sobre-a-formacao-docente-no-ensino-medio-da-educacao-de-jovens-e-adultos>. Acesso em: 25 jan. 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Uma alternativa ao neoliberalismo [Entrevista cedida a] Daniel Pereira Andrade e Nilton Ken Ota. Tradução: Naira Pinheiro dos Santos. **Tempo Social**, v. 27, n. 1, jan./ jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-207020150115>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PINEAU, Gaston. **A pesquisa (auto)biográfica e as histórias de vida em formação.** Conferência de abertura apresentada no X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica, Salvador, Universidade do Estado da Bahia, 20 maio 2024. Mediação: Elizeu Clementino de Souza.

RICOUER, Paul. **Interpretação e Ideologia.** Tradução: Hilton Japiassú. 4. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos Cruzados sobre Pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**. Santa Maria, v. 39, n. 01, jan./ abr. 2014, p. 39-50. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/11344>. Acesso em: 15 dez. 2020.

VENTURA, Jaqueline; CRUZ, Thays Espindola; MARQUES, Catharina Ferreira Costa.



As pesquisas sobre o Ensino Médio na EJA: uma análise de artigos da plataforma de periódicos da CAPES. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 38, n. 1, p. 01 – 25, jan/mar, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2020.e66039>. Acesso em: 15 mar. 2024.

WALSH, Catherine. *Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejeres de lo pedagógico y lo decolonial*. In: WALSH, Catherine. ***Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir***. Tomo II. Quito - Equador: Abya Ayala. *Serie Pensamiento decolonial*. 2017, p. 17 – 45.